

No Gama havia um cineclube...

Fotos: Davi Zoccol

Burocracia e falta de recursos impedem que o antigo Cine Itapoã volte a funcionar como centro cultural

GRACE PERPÉTUO

... havia um cineclube no Gama. Mas, hoje, quem se lembra? A julgar pelo abandono em que se encontra o antigo "Cineclube Porta Aberta", muito poucos: o mais antigo prédio público daquela cidade-satélite, sede de um movimentado cineclube nos anos 70, é hoje um retrato eloquente da parca atenção que, muitas vezes, a cultura recebe neste país tão prolífico em manifestações culturais.

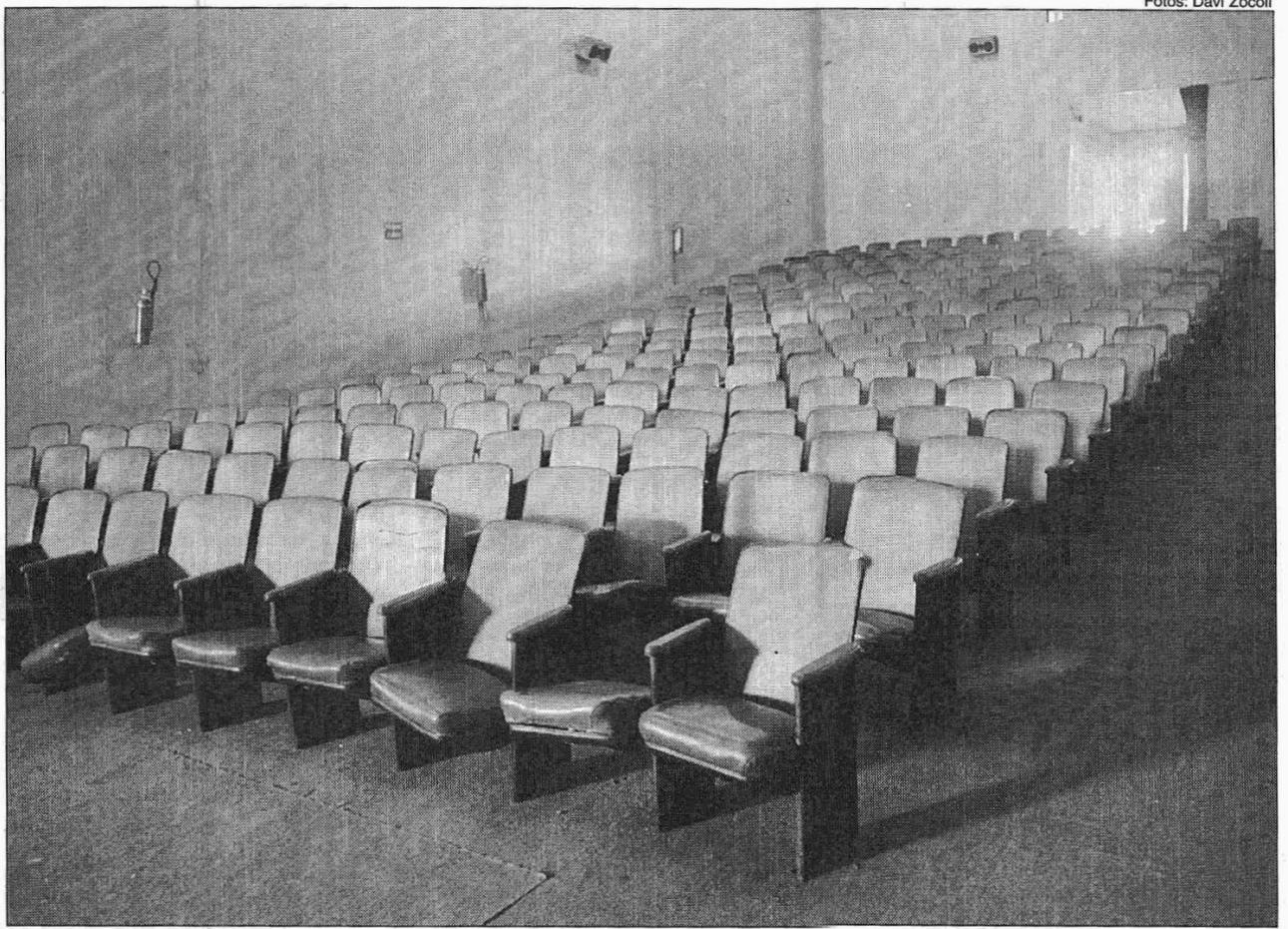
Nele, a decrepitude corre a passos largos: águas vazam do teto sobre cadeiras quebradas e carpete roto, numa mistura insalubre e fétida de poeira e umidade; banheiros impossíveis ofendem quem neles se dispõe a entrar; bebedouros enferrujados vertem águas suspeitas. Velhos projetores ameaçam a integridade física dos rolos de filme gentilmente cedidos para exibição no local. O sistema de som, mono, com mais de 20 anos de idade, mascara as palavras cuidadosamente escolhidas de cineastas, roteiristas e atores. Tudo conspira para que, neste ambiente, não possa haver o tão sutil êxtase que resulta de se estar exposto à arte e à cultura.

Mas não foi sempre assim. Criado pela iniciativa privada no ano de 1964, o antigo cineclube da Praça Itapoã viveu dias de fausto e profusão. Depois, amargando dívidas, acabou por tornar-se órgão público em meados dos anos 70. Veio então uma fase pouco movimentada - o que o levou, mais uma vez, para as mãos da iniciativa privada. E novamente viu-se abrigando bons filmes e eventuais saraus - mas por pouco tempo: cessou-se, em determinado instante, a índole cultural que antes lhe atribuíam seus gerentes, e começou a longa fase dos filmes comerciais e violentos que, até um ano atrás, traziam um público bastante específico ao velho cineclube.

A situação econômica, claro, melhorou - mas não se refletiu em cuidados com programação nem instalações. "Foi a velha história daquele homem que usou bastante a mulher e, depois, fugiu", diz Walter Sorça, artista local e membro da Associação dos Amigos do Centro Cultural Itapoã, atual nome do cineclube. Não sem motivo. Impedidos pelo GDF de continuar a utilizar o espaço, os então gerentes deixaram para trás uma enorme dívida de IPTU, hoje cobrada dos lojistas que ocupam áreas anexas. Criou-se o impasse: os lojistas só aceitam pagar se puderem ocupar todo o local (pois é a ele que o IPTU se refere) - e, se não pagarem, tudo continua como está, em quase abandono. Espera-se, no entanto, que esta dívida seja perdoada e que o cinema possa continuar como espaço público.

É o que Chico Costa - Diretor Regional de Cultura da Administração Regional do Gama - gostaria de ver acontecer: "Este é o momento em que a cultura vai deslanchar." Ele está confiante que, após 3 anos de Orçamento Participativo na cidade - nos quais atendeu-se grande parte das necessidades básicas da população -, o antigo cinema seja contemplado com a verba generosa da qual precisa com tanta urgência - para ele, cerca de R\$ 400 mil. "No próximo dia 6 estaremos tentando convencer os delegados do Orçamento Participativo da necessidade de se implantar políticas culturais por meio da utilização dos espaços culturais da cidade."

De fato, o Orçamento Participativo é uma alternativa para o apoio da iniciativa privada, às vezes de difícil obtenção. Até agora nenhum recurso foi disponibilizado devido às prioridades urbanas do Gama, que se sobrepuseram à necessidade de



O espaço está com vazamento e as cadeiras quebradas: retrato do abandono



Walter Sorça critica os últimos administradores do Cineclube

ampliar o acesso de sua população à cultura. "É raro que se faça uma ligação entre os grandes problemas urbanos e a falta de cultura", lamenta Walter Sorça. É o caso, por exemplo, da violência - que muitas vezes nasce do ócio, do tédio, do desespero e da ignorância. Sorça é um dos muitos que sabem que, em todo o mundo, projetos são criados e implementados para envolver crianças e adultos em atividades criativas e lúdicas - com saldo inegavelmente positivo.

Na verdade, não se pode dizer que nenhum recurso tenha sido disponibilizado para o cineclube. Poucos o sabem, mas no dia 14 de janeiro o Diário Oficial divulgou a liberação, pelo GDF, de R\$ 70 mil para o Centro Cultural Itapoã. "Mas ninguém viu a cor do dinheiro", lembra Walter Sorça. De acordo com ele, a Divisão Regional de Cultura da Administração Regional (DRC) disse não ter o poder de receber esta verba - e que caberia à população se organizar para recolhê-la e destiná-

la à reforma do Centro Cultural. "Mas a população nem sabe disso", lembra Sorça. Há ainda um mistério: R\$ 20 mil destes fundos já tiveram outro destino. Chico Costa explica: "Esta foi uma verba liberada por emenda parlamentar,

"No antigo Cineclube Porta Aberta a decrepitude corre a passos largos; águas vazam do teto sobre cadeiras quebradas e carpete roto, numa mistura insalubre e fétida de poeira e umidade"

recurso que pode ser alterado de acordo com as necessidades da administração. A DRC pode apenas acompanhar o processo." Em um ponto, porém, ambos concordam: a reforma é, de fato, inadiável; de acordo com Costa, a Administração Regional já entrou em processo de licitação para a recuperação de piso, cadeiras e teto - com os R\$ 50 mil que ainda restam. Ele não explica, porém, por que um ano se passou sem que nada fosse feito para frear a galopante decadência do prédio: "Sou novo aqui."

Mas, a despeito de todas as adversidades, o cineclube sobrevive - principalmente graças ao resiliente entusiasmo de alguns poucos amantes da cultura, organizados na Associação dos Amigos do Centro

Cultural Itapoã. Diz Sorça: "Há pessoas criando, fazendo vídeos, roteiros e projetos, organizando cursos. Queremos fazer *workshops*, exposições e, para as crianças, cursos de direção, quadrinhos e pintura, que são linguagens muito próximas do cinema." Sob a gestão oficial da Administração Regional do Gama, o cineclube recebe o apoio do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal, do SESC e da Fundação Cultural. Abriga eventuais concertos e shows. Muitos ainda comparecem ao festival de cinema que acontece ali, todo ano, paralelo ao badalado Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. No Gama, porém, não há artistas famosos nem tapete vermelho. Na época, voluntários se organizam num mutirão para amenizarem os problemas das instalações físicas e fazerem a limpeza do local. Ainda assim a frequência é pequena. "É imprescindível gerar o interesse da população e chamar sua atenção para o valioso espaço que têm em mãos", reitera, com razão, Walter Sorça.

Pois bem: para quem crê na omissão oficial e gostaria de ver a volta à vida do antigo cineclube, os telefones da Associação dos Amigos do Centro Cultural Itapoã são 385-5643 (Tistá) e 556-4226 (Walter Sorça). Não resta dúvida: muito ainda se pode fazer.